

encantes amazônicos

Otoni Moreira de Mesquita¹

revelação - filho de boto

Nasci na beira de um rio amazônico. O mesmo que levou o corpo de meu pai, quando eu era ainda muito menino. Justamente, por não saber nadar, ele sumiu naquele rio, como um boto, que nunca mais voltou. Três dias depois, o corpo foi encontrado. Não tivemos como permanecer naquele lugar. Eu ainda não tinha dois anos, era o oitavo e último filho do casal. Breve passagem pelo rio. Mesmo tendo uma vida muito dura, minha mãe costumava lembrar e descrever a beleza dos seus campos encharcados, as árvores cobertas de garças brancas pousando nos galhos dos finais de tardes. O colorido forte do céu, a cantiga dos grilos e a solidão do lugar.

No fim do dia, ela, cansada da rotina, rogava por bons sonhos, que pudesse ver coisas bonitas e pessoas especiais. Talvez ela não soubesse, mas o que desejava de verdade era fugir. Depois da morte do companheiro, deixou o lugar e o trabalho multiplicou. Decidida, pegou todos os filhos pela mão e nos levou à cidade. Era preciso estudar e trabalhar. A vida não era brincado.

Na infância ouvíamos muitas histórias fantasiosas, mas nada que amedrontasse tanto quanto aquelas com as ações de visagens e defuntos falantes. As histórias de boto apareciam de forma muito suave e repetidas, seguindo sempre o mesmo roteiro, com pequenas diferenças nas narrativas. Como um mantra folclórico: forasteiro bonito, chegava vestido de branco, usando um chapéu de palhinha. Aparecia como que por encanto, dançava a noite inteira seduzindo as meninas-moças. Elas não conseguiam resistir e ele sempre escolhia a mais bonita e provocava a ira dos moços do lugar. Elas não conseguiam resistir e caíam na cantada do moço encantado.

Sabendo dos riscos que corria, cedo desaparecia, ganhando as trilhas do rio. Partia sem deixar nome ou endereço. Era preciso seguir, antes que o encanto cessasse e a revelação o fizesse vítima dos enciumados. Bárbaros que eram, logo

¹ Otoni Moreira de Mesquita, artista plástico, historiador e professor aposentado da Faculdade de Artes da UFAM. E-mail: otoni_mesquita@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-1706-468X>.

tentariam lhe tirar a vida. Mas não impediam que nove meses depois nascesse o fruto presente de sua passagem.

Anos mais tarde, compreendi que eu era um filho de boto a me encantar com velhas histórias para escapar das águas turvas que tentavam me arrastar. Seguiu pelas linhas tortas do inexplicado, colhendo memória de histórias escritas pela imaginação.

resignação - canto das meninas desaparecidas

Marinita e Marinete, duas caboclinhas, eram criadas por dona Neuza, que morava na beira de um desses rios amarelos, mas um dia, ninguém sabe ninguém viu, as cunhantãs sumiram. Desapareceram da beira e logo imaginaram que haviam sido tragadas pelas águas. Foi ali que as viram pela última vez. Pode ser que “maluvidas” como eram, tenham esquecido as recomendações de não entrar no rio. — Ele é perigoso e pode te carregar. Além disso, tem os botos que podem te agarrar.

Pode ser que tenha sido uma fatalidade, uma delas tenha escorregado no barro visguento, sem ter onde segurar. Gosma certa daquela terra incerta, pronta a arrastar e levar com o amarelo do rio. A outra foi tentar ajudar e acabou fígada também, como era de se esperar. Ninguém sabe, ninguém viu. — Será que fugiram, tentando se reencontrar? E foram parar no fundo do rio.

Logo começaram as buscas que se estenderam por alguns dias. Organizaram um grupo que saía à noite, esperando encontrar os corpos a boiar no rio. Atentos, olhavam para todos os lados, mas nada de encontrar. À boca da noite, do primeiro dia, fizeram um ritual. Seu Zequinha puxou a reza enquanto alguns integrantes soltaram várias cuias a iluminar as águas escuras. Apesar de toda tristeza da busca, era bonito de ver aquelas esferas bandadas e iluminadas apenas por toquinho de vela. Seguiam, tremendo no banzeiro em busca das meninas que já não estavam lá. De longe se via aquela arrumação. Canoas descendo o rio, uma procissão de cuias a se espalhar sobre as águas noturnas do Solimões. Logo, as cuias iluminadas se espalhavam e tomavam diferentes direções, ou naufragavam sob a correnteza.

Aquele rito era um costume tradicional daquelas populações da beira do rio. Sempre que alguma tragédia acontecia e um corpo desaparecia, alguém lembrava como procurar. Muitas vezes, desaparecidos ou afogados, eram localizados. Uma sabedoria apreendida com a natureza: seguir o curso da corrente, direcionados pelas cuias iluminadas.

Naquele dia como no seguinte a romaria continuava, cânticos e algumas canoas se espalharam, saindo sempre do mesmo lugar. Desciam na incerteza da correnteza. Algumas mulheres se mantinham nas margens, com medo de serem encantadas por algum boto. Clamavam como carpideiras. Passavam o terço, em diferentes velocidades, numa reza choramingada, um lamento que não acabava,

acompanhadas pelo ritmo do ruído das águas e do canto dos carapanãs. Os pequenos insetos azucrinavam os ouvidos e beliscavam as partes descobertas. Todos sob aquela iluminação sinistra. Alguns carregavam lamparinas e velas a concorrer com o pisca-pisca dos vagalumes que se espalhavam no ar em busca das cuias iluminadas, que escorriam para algum lugar.

Depois de algumas horas, todos voltavam para suas casas, frustrados e resignados, sem pista para investigar. Nenhuma das velas revelara o corpo das meninas ou qualquer sinal de sua passagem. A cada dia, ficava mais distante a possibilidade de encontrar as duas e diminuía o número de pessoas a buscar. Em uma semana já não havia quem procurasse pelas meninas. Resignados, desistiram da busca e entregaram a Deus ou a Mãe d'Água. Era esse o destino de Marinita e Marinete, não se podia mudar ou contestar.

Para alguns moradores das redondezas era quase certeza: — As cunhantãs foram encantadas e levadas para algum reino do mundo submerso, levadas por botos e cuidadas pela Mãe d'Água.

talião - a troca

Já não sei dizer onde começou esta história, acredito que em algum bar da cidade, contada, provavelmente, por alguém embalado por uma insólita fantasia erótica. Trata-se do caso de um pescador ribeirinho. Um homem trabalhador, casado e com muitos filhos e filhas para cuidar. Mas também tinha suas fantasias, entre elas, um desejo ardente e sem explicação racional. O homem queria um colóquio amoroso com uma bota, pois ouvira dizer que era algo inesquecível e encantador.

Certo dia cumpriu seu intento, aprisionou uma fêmea de boto num cercado improvisado, à beira do igarapé e ali, tomado pelo desejo intenso que queria saciar, manteve a criatura cativa. Daquele dia em diante, partia todos os dias para aquele lugar carregando, além de suas intenções libidinosas, peixes para presentear a bota aprisionada. Numa tentativa de agradar com aquilo que acreditava ser moeda de troca.

A bota parecia prever as intenções animais do homem, toda vez que ele se aproximava, ela se agitava, se debatia, sem qualquer garantia. Prisioneira, permanecia retida naquele pequeno cercado. Mesmo assim, o bárbaro só tinha uma meta, se apossar da criatura, apesar da evidente recusa. Por algum tempo, aquilo se repetiu. Contudo, depois de alguns dias, ela não resistiu, não durou mais que um mês, feneceu.

Passado algum tempo, uma das graciosas filhas do pescador desapareceu. Alguns moradores das proximidades anunciaram ter visto a menina no lombo de um grande boto vermelho. Até então, ninguém sabia da história da bota aprisionada. Mesmo assim, a opinião de todos os moradores daquele lugar era

unânime: — Claro que foi encante! Todos perguntavam: — O que aconteceu? Mas, o pai se mantinha cabisbaixo, intimidado olhava pra baixo, procurando algo no chão.

O homem se calou e sofria muito por não ter como desabafar ou mesmo confessar sua culpa e nada revelou, nem mesmo à esposa. A mãe e irmãos da menina choravam todos os dias, não sabiam a quem recorrer. Acenderam velas, rezaram, fizeram novenas e nada aconteceu. A adolescente continuava sem dar nenhum sinal.

A mocinha fora levada para um reino aquático. Lá, era muito bem cuidada, tratada como uma verdadeira princesa. Contudo, aquela condição tinha um preço: ela jamais poderia retornar para casa. Apesar de receber um bom tratamento e de ser até adulada, a menina quase não sorria, sentia saudades da mãe e dos irmãos, queria ouvir o rádio, correr no quintal e ver a plantação. Fora levada para um reino encantado, nas profundezas das águas do rio. De lá, conseguia ver os cascos dos barcos que passavam rápido, movendo o seu céu. Outras vezes, via a passagem de pequenas canoas, a serem movidas por remos coloridos, entre os capins e os pés de canaranas a descer nas águas do rio. Vistas de baixo, as folhas das vitórias-régias, eram como belos guarda-sóis, verdadeiras rosáceas a refletir lindos círculos esverdeados.

Não demorou muito tempo, propuseram-lhe um noivo, com quem deveria casar-se em breve. Ela gostou muito do pretendente, parecia um príncipe que jamais poderia imaginar. Tinha conselheiros e dama de companhia, coisa que nunca pensou para si. Possuía vestidos de festa, joias belas e originais. A menina ficava mais bonita a cada dia. Mesmo assim, a saudade de casa era de matar, uma coisa que não passava nem amenizava. Nada era capaz de lhe trazer contentamento.

Pobre menina, consultava um e outro, e entre todos os habitantes daquele lugar, ninguém aconselhava partir e retornar. O mundo dos homens era um lugar inóspito e cruel, muito perigoso. Alertaram que, se retornasse a sua casa, teria muitos problemas e colocaria todo reino em perigo, pois todos ficariam em risco e não teriam como sobreviver. Contudo, nada poderia mudar o pensamento da menina.

Emotiva só queria seguir, movida por um senso de liberdade, difícil de explicar ao povo daquele lugar. Eles tinham tudo bem feito e adequado. Mas, ali, ela não sabia como se ajustar. Nessas horas, perdia toda prudência, só queria se libertar. Todas as horas do dia pensava em escapar, mas não podia deixar transparecer essa vontade. Ficava triste e tinha que esconder seus sentimentos para ganhar a confiança daqueles seres aquáticos. Só pensava em fugir daquele reino encantado e reencontrar os seus. Não conseguiu se controlar, tanto fez e armou que, uma semana antes do seu casamento, reuniu o Conselho e conseguiu uma breve autorização para se despedir da mãe, coisa que não tivera como fazer anteriormente, com a promessa de que seria apenas uma despedida e logo teria que retornar. Caso contrário, os encantados buscariam toda a sua família e seriam tratados como prisioneiros. Pobre menina, não havia saída.

Emergiu na beira do rio, num final de tarde muito dourada. Era como um cenário feito para sua recepção. Estava com uma pele muito branca e com os cabelos muito escorridos, limos que escorriam e se espalhavam também pelo belo vestido feito de algas e bordado com pequenas pérolas do rio, mas tinha todas as bordas manchadas de barro amarelo.

Depois de muito choro e abraços, a menina contou sobre as crueldades do seu pai. O homem chorou e se mostrou arrependido. Mas não havia alternativa, teria que dar a filha em troca da princesa de quem se apossara e que estava prometida, a bota que não resistiu perante a violência e a dor. Na manhã seguinte, como previsto e combinado, a menina partiu para o reino encantado. Com ela seguiu um cortejo de príncipes a saltar nas águas.

Dias depois, aconteceu a boda. Foi uma festa muito bonita e animada, com muita paz entre todos os participantes. Botos a encantar, Pirarucus de escamas coloridas a se alongar, gordas Matrinchãs a se aboletar, Sardinhas douradas a se agitar, Tucunarés de calda colorida a se mostrar, além dos cobiçados Tambaquis a esnoabar. Belas moças delgadas, mancebos ágeis e faceiros, todos a se locomover e dançar: um verdadeiro baile encantado. Tudo muito bem decorado e todos os convidados arrumados, com seus paramentos naturais.

Assim, a menina casou com seu príncipe e ficou por lá. Dizem foram muito felizes. Ela teve alguns filhos meio boto, meio gente. Reza sempre para que os homens respeitem seus filhos e nenhum mal façam a eles. Suas passagens pelo mundo dos homens são verdadeiras missões: deixar um fruto no ventre das meninas na esperança de apaziguar os sentimentos dos humanos, que ainda precisam muito aprender e avançar.

conversão - a menina que virava cobra

Quanto mais oprimida, mais crescia o desejo em Ana Condinha, quase menina, passava dos quatorze anos, mas era tomada de um “acesume”, sem idade. Tinha uma vida muito restrita, por isso queria tanto sair, passear e ver os meninos das redondezas. Nada lhe era permitido. Era um tal de faz isso, faz aquilo. Nada de brincadeira ou gaiatice. Mas à noite, ela se vingava. Ninguém tinha como lhe controlar, não podiam entrar em seus sonhos e alguma coisa mandar. Ia para onde bem queria. Vivia muitas histórias de acordo com suas vontades.

Com o raiar o dia, era reconduzida à sua gaiola de rotinas. Era somente liberada para as tarefas domésticas: cuidar da cozinha, lavar a louça, alimentar as galinhas, pegar água na beira do rio e muitas outras pequenas coisas que em nada lhe davam prazer. Pela manhã, às vezes, ficava sabendo, de um alarido ou outro, que

as pessoas daquela comunidade ribeirinha andavam cada vez mais preocupados com fatos recentes de rapazes que amanheciam estropiados.

Já era uma quantidade considerável de casos semelhantes. Ao serem interrogados, quase sempre os rapazes não tinham nada a dizer. Não lembravam de nada do ocorrido. A maior parte deles se encontrava na rede ou no quintal. Alguns não resistiam e até sucumbiam em consequência dos machucados. Em geral, não tinham cortes e muitos foram enviados para Manaus, para consertar os ossos quebrados. Esses casos eram de grande mistério para aquela comunidade. A menina de nada desconfiava, mas ficava aliviada ao saber que só os meninos eram atacados.

Assim, passava os seus dias naquela repetição em torno das panelas, galinhas e beira do rio. Se tinha alguém por perto, só podia cantar os louvores, sem graça que aprendera. Mas queria mesmo era cantarolar as músicas que ouvia no rádio. Não era sonsa, nem uma santinha. Era somente uma menina dirigida pelos hormônios, tendo a culpa a martirizar. Gostava de ficar na janela para apreciar o rio. Sempre se imaginava indo embora para não mais voltar. Em certos dias, ocorria de acordar muito indisposta e com alguns arranhados pelo corpo. Não entendia nada. A mãe sempre ralhava e a botava para trabalhar: — Que raio de “cuirova”! Pare de leseira e vá logo buscar água! A menina seguia a ordem. Amuada e sem nada entender.

A mãe não dava muita importância para os constantes arranhões pelo corpo da menina, pois logo saravam. Dizia que ela era desastrada e não reparava no caminho que fazia quando passava correndo no meio das plantações de cana ou do milharal. No começo a mãe dizia: — Quando for tomar banho, leva essa bucha e te esfrega bem. Isso deve ser “seroto”. Mas, depois de algum tempo, a descamação da menina começou a se tornar mais intensa e até procuraram um médico no posto do povoado. Ele falou que era normal, porque ela devia apanhar muito sol, sem qualquer proteção e sem cuidado. Receitou um protetor solar e uma pomada. O primeiro, a mãe nem quis saber. Disse que era muita frescura e a pomada em nada resolveu.

Enquanto isso, o caso dos meninos estropiados foi ficando mais complicado. O delegado veio da cidade para investigar, conversou com uma e outra vítima, e quase nada descobriu. A única coisa comum nas versões contadas pelos meninos e rapazes, foi um ruído que todos ouviram. Descrito como uma espécie de chiado que vinha do mato e parecia ter o poder de hipnotizá-los. Esta era a única coisa que lembravam antes de dormir profundamente e depois acordarem todos muito machucados.

Algumas pessoas diziam que isso era coisa da Matinta Perera, uma entidade da floresta que se defende de caçador. Mas o que ela estaria fazendo na beira do rio, maltratando os meninos, ninguém sabia explicar. Outros diziam que era coisa da Mãe d’Água ou do Pai da Mata. Com certeza alguém estava fazendo coisa errada. Os adolescentes tesudos e cheio de culpa não sabiam o que dizer em suas defesas. Por quase um ano a situação se repetia, sem explicação.

Em quase toda casa tinha uma vítima daquela coisa que ninguém sabia o que era. Às vezes, montavam cancelas, deixavam lamparinas nas portas para impedir a chegada da “coisa”. Alguns meninos botavam a rede bem alto, na esperança de dificultar o acesso, caso o bicho chegasse. Até que, em um dia de festa na comunidade, aconteceu uma outra novidade. Passando pelo caccoal, um dos rapazes ouviu o tal chiado e logo tentou escapar, correu, berrou qualquer coisa, mas já era tarde, foi agarrado e abraçado por uma bela cobra colorida, cuja pele reluzia na luz do luar. Isso foi a última coisa que viu antes de apagar.

Felizmente, o alarido do rapaz foi ouvido por uma turma que estava não muito longe. Correram para o lugar, munidos de pau e cacete improvisados. Correram e o alcançaram. Logo, eram vários a bater na pobre da cobra que não teve o que fazer, abandonou a vítima e saiu rápida, se esgueirando pelo mato.

Foi um alvoroço danado e levaram para casa o rapaz que não chegou a ser quebrado. Acabou a festa e todos saíram à procura da cobra perversa. Andaram de um lado para outro e nada da cobra encontraram. Quando voltavam para o povoado, ouviram um choramingar de menina, vindo do mato. Foram lá e encontraram Ana Condinha, nuazinha e toda machucada, com sangue espalhado pelo corpo. Parecia estar num surto, choramingava, não dizia coisa com coisa.

Todos ficaram muito desconfiados e a levaram para o posto médico, onde teve que ficar por alguns dias. Nem ela, nem os pais sabiam explicar o que teria acontecido. Ficou um “disse me disse” pelo lugar e as pessoas começaram a maldar sobre a vida da menina. Contra a vontade da mãe, veio uma mulher para benzer. Fez oração e espalhou folhas pelo corpo da menina. Disse que era “Encante”. Depois chegou a pastora do lugar, expulsou a benzedeira e pressionou a menina a falar. Disse que aquilo devia ser coisa do “capiroto”, que ela tinha que contar, senão iria se dar muito mal.

Coitada da menina, que nada entendia. Fez um esforço supremo como um gesto de sobrevivência e contou que sempre sonhava andando por aí à noite e se abraçava com alguns meninos. Mas gostava mesmo era do Francisco, justo aquela sua última vítima. O menino que também já se acessava para o lado dela, ficou com pouco de medo, mas interessado. Assim, a Congregação entendeu que era urgente facilitar a aproximação da menina com o Francisco para que se casassem o mais rápido possível, evitando que a menina voltasse a ter uma nova transformação. Ninguém sabe como foi a noite de núpcias, mas o certo é que a menina se “acquietou” e nunca mais virou cobra para sair por aí, amassando os rapazes da comunidade.

libertação - mundica e o boto

Mundica, a Raimunda, era uma caboclinha bem animada, muda e graciosa. Todos os dias, no fim da tarde, ia tomar seu banho, na beira do rio. Gostava de pular

do barranco, em frente ao barraco. Deixava os cabelos voarem ao vento e mergulhava no rio, com muita alegria, apesar de sozinha.

Um dia, veio um boto. Ela viu, mas não ligou, ele se aproximou docemente e a cercou. Ela achou o bicho bonitinho e até brincou. Ele gostou e se aconchegou, quando percebeu, estava com o corpo empinado, colando-se todo ao seu. Abraçou com carinho e bem apertadinho, ficou encantada com o bichinho. Logo, ele sumiu nas águas, com a mesma magia com a qual surgiu.

Depois daquele dia, os banhos no rio não eram mais os mesmos. Ela sempre esperava a chegada do seu querido xerimbabo, mas ele nunca mais voltou. Depois, começou a se sentir enjoada e aos poucos a barriga ficou inchada. Passado mais um tempo, a menina floruiu. Dela brotou um boto menino. Chorou esquisito e parecia sufocar, não queria leite, não queria mamar. Fazia um ruído estranho e se debatia a arfar. Por alguma razão, ela sabia o que fazer, mas, só depois de algum sofrimento, levou o menino para molhar nas águas do rio. Segurou com toda delicadeza e cuidado, temendo que ele escorregasse e se afogasse nas águas. Primeiro, mergulhou as perninhas do curumim. Logo, ele se alongou e parecia acalmar. Era como uma canção de ninar. Mundica relaxou e sorriu, vendo como era bonito o seu filho que acabara de chegar. Qual não foi a sua surpresa ao perceber no menino a mesma agilidade do pai. O peralta escorregou como um peixe liso, escorrendo como água, difícil de segurar. Escapou, sem deixar uma chance para que ela conseguisse conter ou segurar. Assustada, ficou só, sozinha na beira d'água, aflita a chorar. Sem a barriga, sem o bebê, sem ter como explicar. O menino era filho do rio, não tinha como segurar.

Além da tristeza da perda, ela teve muito mais que suportar, acusada de infanticídio, pois não tinha qualquer testemunha que pudesse confirmar. Sozinha, ela não tinha como se explicar ou provar. Chamaram juizado, veio delegado e juiz para acusar. Todo mundo com dedo em riste, todos a ralhar e condenar. Ela, coitada, só sabia chorar. Ainda era muito menina e não sabia como explicar. Tentava uma sequência de mímicas e sinais, mas não havia quem entendesse alguma coisa. Chorava a menina Mundica e junto com ela, os seios a se derramar.

Foi levada para uma cadeia, não tinha como contestar. Era preciso julgar e não teria como se safar. A cada dia ficava mais triste e não conseguia repousar, mesmo sem nada para fazer, naquele pequeno lugar. Passaram algumas luas cheias e outras a emagrecer. Mundica permanecia apática, muda, sem nada fazer. Uma longa espera, sem razão para viver. Queria ir embora, fugir ou desaparecer. Os dias eram muito lentos, parecia que nunca acabariam, não teriam como passar. Queria ir na beira da água para o menino procurar.

De longe, pela janela da cela, via o rio passar. Sabia que ele haveria de passar. Ficava horas e dias olhando a água passar. Mirava o movimento das águas na espera de um sinal encontrar. Esperava o salto de um boto, somente assim poderia animar. Queria ir lá fora, entrar na água, mas não tinha como se safar.

Certo dia, atendendo ao seu pedido, dois botos começaram a se apresentar. Depois, se tornou rotina, surgiam em todos os fins de tardes. Saltavam alegremente,

a brincar. Era como um aceno, um alento para a menina, para suportar. Logo compreendeu que era o seu menino, juntamente com o pai, que iam lhe visitar.

Um dia, se formou um tempo, um temporal muito grande para desabar. Ela ficou com muito medo dos raios e trovões a ameaçar. Eles pareciam mais eufóricos, mergulhavam fundo para melhor saltar. Saltavam mais alto, como querendo algo comunicar. Logo, se fez noite e ela não teve como se acalmar. Clarões e trovões continuaram a amedrontar. Tudo se desdobrava nas águas e aumentava o brilhar. Não tinha como evitar. Dormiu aflita, sem grande motivo para sonhar. Era como uma pedra esperando o sol retornar. Não sentiu a terra movendo, nem o barraco a deslizar. Fez um estrondo estranho e tudo a desabar. Não teve nem tempo de se benzer. Era a terra caída a acontecer, dissolveu tudo em volta, não havia para onde correr. Era a própria paisagem a se mover, levando consigo as construções dos homens, as árvores de todos os tamanhos. Nada deixando no lugar.

No dia seguinte, as águas estavam mais turvas do que o normal. O sol se abriu bonito, como que saldando os três botos que desciam o rio. Animados, saltavam sem parar. Certamente, era um encontro memorável. Seguiram nas águas do Riomar. Águas que levam, mas que podem voltar.

punição - peia no sebastião

Sebastião, um homem com um pouco mais de trinta anos e sete filhos para criar. Não era nativo do lugar, veio de um lugar muito árido, chegou menino, com muita fome para saciar. Coisa que não conseguiu superar. Era um sujeito áspero, todavia, pacato com os seus, mas não tinha noção das forças da natureza. Para ele, todas as coisas eram para servir o homem. Ai de quem se intrometesse nesse caminho. Não acreditava nas entidades da floresta, nem nos encantos do rio. Só pensava em garantir a comida na mesa. Era a sobrevivência imediata, vivia do pequeno roçado, da pesca e da caça silvestre.

Sebastião não sabia outra maneira de se comportar, foi moldado na marra, pelas necessidades de trabalhar. Não sobrava qualquer tempo para olhar a beleza do céu ou do luar. A paisagem, assim como o rio, era apenas um campo para alimentar e navegar. Uma vida muito dura, uma luta constante para avançar. A disputa constante, tudo por enfrentar. Cada passo avançado, cada palmo de terra conquistado, um trabalho constante a realizar. Uma batalha que não havia como ganhar.

Certa vez, Sebastião estava sozinho em sua canoa, remava rapidamente em direção a malhadeira, que estava estendida próxima a alguns vegetais. Era o almoço que tinha que assegurar. Chegando bem perto, ficou muito irritado ao perceber que sua malhadeira estava quase destruída. Um boto se debatia, tentando escapar da teia de linha e se desvencilhar. Estava num amaranhado, nós difíceis de escapar. — Boto

ladrão, ainda arreventou minha malhadeira. Vou te matar, para tu aprender a não me roubar mais.

Não contou dúvida, pegou a espingarda que carregava para caçar. Foi um tiro certo, bem na cabeça do mamífero a agonizar. Matou covardemente o pobre do animal, que já se encontrava refém. Para Sebastião, aquilo não era nada e em poucos dias já havia esquecido o fato trágico.

Algum tempo depois, quando remava sozinho na tranquilidade do mesmo lago, teve uma surpresa. De repente, lhe puxaram o remo, deixando a canoa à deriva. Não teve medo, mas ficou surpreso com o inesperado daquela situação. Parado, quis entender o que se passava, pois estava sendo levado no sentido contrário ao da correnteza. Arrastado para o meio do lago.

A canoa foi balançada e girada, como um carrossel, até deixar tonto o caboclo, como se estivesse “xirrado”. Em seguida, emergiram muito botos, a saltar por todos os lados. Alguns batiam violentamente contra o fundo da embarcação, até conseguir virá-la. Apavorado, o caboclo, que mal sabia bater água, teve que bebê-la ao mesmo tempo em que começou a peia. Foi uma surra violenta. Bateram tanto e com tanta força que ele esqueceu até o próprio nome. Com o corpo todo machucado, foi arrastado até as margens do rio. Era somente uma lição para aprender a respeitar as leis da natureza que também regem o rio.

traição - dagmar e oboto

São poucas as mulheres que ainda preservam o chamego do companheiro. Para a maioria delas, esse encontro é regido por uma necessidade física de tempo muito breve, que só deixa frustração e mais uma barriga. Portanto, não surpreende que muitas delas ainda acordem no meio da noite, sem saber o que lhes aflige: se a vida dura com todas as responsabilidades diárias ou a ausência de um companheiro para conversar e construir uma família mais pensada.

Foi mais ou menos isso que aconteceu com a vida da Dagmar, cabocla do Purus. Um dia acordou como se a lua estivesse a lhe chamar. Foi se abaixando ao passar pelas redes das crianças até a janela, para olhar o brilho lunar. Raimundo, seu marido, roncava um pouco. Lá fora, a iluminação da lua quase cheia revelava uma canoa na pequena praia. Era possível ver um chapéu e um corpo havia esticado em cima da embarcação. Ela ficou curiosa, mas não falou nada ao marido.

A cena foi se repetindo diariamente e, aos poucos, ela foi se interessando pelo rapaz que sabia muito bem de sua presença na janela. Ficava lá como se esperasse alguém. A lua crescia. Já estava quase completamente cheia quando ela decidiu sair e ir até lá. Abriu a porta e a cachorrinha ensaiou uns latidos, mas ela fez

um psiu de autoridade e seguiu. Queria saber quem era e o que estava fazendo ali, perto de sua casa, sobretudo, por que só aparecia depois da meia noite.

Ao chegar à praia, Dagmar se deparou com um belo moço, usando chapéu e sem camisa, que esperava por ela. Não teve muita conversa, logo se encantou e retornou no dia seguinte. Durante o dia, ela parecia mais alegre e até cantava enquanto preparava o jaraqui ou varria a casa. O marido ficou desconfiado e resolveu “abicorar”.

Noutra noite de lua cheia, como era de se esperar, lá se foi a Dagmar para praia encontrar com o seu novo amor. Ela não sabia explicar, nem controlar, só queria os braços e o corpo inteiro do rapaz para se agasalar. Saiu sem muita precaução. Mas, nessa noite, o marido a viu sair, esperou um tempinho e depois a seguiu. Viu que ela se encontrava com o rapaz e se recolhiam um nos braços do outro, agasalhados dentro de uma canoa. Raimundo foi tomado de um ódio descontrolado. Sem fazer barulho, voltou correndo para casa e pegou o seu arpão de pegar pirarucu. Foi o mais rápido que pode.

Quando voltou, ainda podia ouvir os gemidos de prazer da mulher, o que aumentou ainda mais sua ira. Não se conteve, mirou as costas brancas do rapaz e sem titubear, cravou fundo o seu arpão e retornou, imediatamente, para casa, sem qualquer arrependimento pelos gemidos de dor que ainda ouviu ecoar. Dormiu o Raimundo e acordou com o latido dos cachorros na praia, sendo chamado pelas crianças reclamando pela mãe. Foi até a praia e descobriu que não era sonho nem pesadelo. Sua Dagmar estava lá, completamente morta e nua, abraçada a um boto, unida por um potente arpão, que trespassara as costas do boto e penetrara fundo em seu coração.